



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPECIFICIDADE DA PESQUISA EM PSICANÁLISE

THALITA LACERDA NOBRE

Doutora em Psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Pós graduada em Gestão Estratégica em Recursos Humanos. Docente e supervisora de estágios na Universidade Católica de Santos e Universidade Paulista. Autora dos livros: "Motivação - os desafios da gestão de recursos humanos na atualidade" (Ed. Juruá, 2010) e "Histeria - uma análise freudiana de Madame Bovary" (Ed. Juruá, 2012).

Contato: thalita_l@yahoo.com.br

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPECIFICIDADE DA PESQUISA EM PSICANÁLISE

Thalita Lacerda Nobre

RESUMO: O presente artigo busca discutir sobre as características metodológicas da pesquisa em psicanálise. Este campo do saber, fundamentado por Freud, possui um tipo de pesquisa diferente do que se normatiza como pesquisa acadêmica científica. Apesar de poder ser considerada uma forma de pesquisa científica, a pesquisa em psicanálise contém como fator fundamental para sua diferenciação o seu objeto de estudo: o inconsciente. Sendo assim, parte-se da premissa de que a subjetividade e singularidade da constituição psíquica dos sujeitos devem ser levadas em conta. Para Freud, o trabalho do psicanalista pode ser comparável à atividade do químico, isto é, pautado na transformação de elementos. Sendo assim, este artigo apresenta o raciocínio de que o objetivo da investigação em psicanálise é a construção e a transformação. Como exemplo desta concepção, é apresentado brevemente, como objeto de estudo deste trabalho, alguns dados biográficos sobre a estilista Coco Chanel, que operou transformações por meio da criação de roupas.

Palavras-chave: Psicanálise – Metodologia – Interpretação – Inconsciente

SOME CONSIDERATIONS ABOUT THE SPECIFICITY OF RESEARCH IN PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT: This article aims to discuss the methodological characteristics of research in psychoanalysis. This field of knowledge, founded by Freud has a different type of research different from what is standardized as academic scientific research. Although it can be considered a form of scientific research, research in psychoanalysis contains as essential factor for its differentiation its object of study: the unconsciousness. Thus, we start from the premise that subjectivity and uniqueness of the psychic constitution of the subject should be taken into account. According to Freud, the psychoanalyst's work could be comparable to the chemist activity, based on the transformation of elements. Thus, this paper presents the argument that the goal of research in psychoanalysis is the construction and the transformation. As an example of this

concept, this work presents some biographical information about the stylist Coco Chanel, who operated transformations by creating clothes.

Keywords: Psychoanalysis - Methodology - Interpretation - Unconsciousness

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPECIFICIDADE DA PESQUISA EM PSICANÁLISE

*Colombo não queria chegar à Ursa Menor,
mas às Índias – e, como muitas vezes
acontece na análise, chegou à América* ¹

Este artigo é resultado de minhas investigações acerca da pesquisa em psicanálise e a possibilidade ampla que este campo do saber abre ao estudioso.

Durante o percurso como pesquisadora no mestrado, debrucei-me sobre estudo psicanalítico de uma obra literária, neste caso, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, que me convidou à escuta, ao sentimento e ao pensamento do quão amplo pode ser o olhar que a psicanálise nos convida a lançar.

Em continuação à tarefa de pesquisa, como estudante de doutorado, parti de algumas questões que nasceram na prática clínica e realizei um trabalho utilizando uma biografia. Neste caso, a estilista Coco Chanel, por meio dos dados levantados pelos biógrafos, ascendeu-me à tarefa investigativa.

Neste sentido, uma questão essencial que a mim se coloca é sobre quais seriam os alcances da pesquisa em psicanálise? E ainda, há uma ou várias características que sugerem esta especificidade neste tipo de pesquisa?

São essas questões que me levaram a elaborar este artigo. A fim de pensar sobre elas, inicio partindo da premissa de que é possível considerar que a Psicanálise também possui como característica de diferenciação de outras ciências, o seu método de investigação e pesquisa. Isto porque, comumente, vemos psicanalistas analisando obras de arte como pinturas, músicas, esculturas, biografias, filmes e outras produções humanas que fazem parte das mais variadas culturas.

¹ Metáfora utilizada por Renato Mezan para explicar o percurso do psicanalista diante da investigação em Psicanálise. Disponível em: MEZAN, R. Que significa 'pesquisa' em psicanálise? In: LINO DA SILVA, Maria Emilia (coord.). *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1993, p. 58

Este interesse dos psicanalistas não está em inconformidade com o objeto de estudo da psicanálise proposta por Freud, desde o início do percurso de suas formulações teóricas que estruturaram esse campo do saber humano, porém acredito ser interessante levantar alguns pontos, isto é, direcionarmos nosso olhar, mais detidamente, sobre o que constitui esse método de investigação em sua singularidade.

Digo singularidade porque, segundo Violante (2000, p. 109) interpreta a obra freudiana, “a psicanálise é, a um só tempo, uma teoria sobre o psiquismo, um método de investigação do inconsciente e uma técnica terapêutica.” Assim, é possível destacar o ser e o fazer psicanalíticos das outras ciências, principalmente por causa de sua especificidade e pode-se afirmar, seguramente, que a amplitude da psicanálise permite que a investigação não se restrinja somente à situação analítica.

Alguns exemplos desta não restrição, ou contrariamente, desta ampliação do conhecimento podem ser observados em Freud, que ao construir a teoria psicanalítica, teve como objetivo tornar acessível uma psicologia para leigos. Seus textos analíticos como o caso Schreber, Leonardo da Vinci, o pequeno Hans, entre outros, podem ser bons exemplos de casos clínicos que se apresentam além da situação analítica.

Freud também procurou ampliar a psicanálise a outras produções humanas, com isso, analisou os impactos que a escultura de Moisés, de Michelangelo causava nele. Estudou também o romance de Jensen, a Gradiva, entre outras obras artísticas que permitiram ao mestre compreender um pouco mais a respeito da psique humana e a relação entre autor, obra e espectador.

Porém, para compreendermos o trabalho de Freud e a amplitude da psicanálise é preciso reconhecer que, conforme o mestre define em *Linhas de progresso na terapia psicanalítica* (1919[1918], p. 173), “chamamos de psicanálise o processo pelo qual trazemos o material mental reprimido para a consciência do paciente”.

Sendo assim, o trabalho da psicanálise reside em trazer à consciência um material antes inacessível. Sobre isso, Laplanche (1998, p. 6) entende que: “a psicanálise [...] é uma ciência na acepção mais ampla ou, pelo menos, visa constantemente ser uma ciência; isso, precisamente, na medida em que visa formular verdades acerca de um objeto, que é o inconsciente.”

Desta forma, entende-se que o objetivo da psicanálise é o de buscar trazer o material inconsciente para o consciente a fim de que se possam operar transformações para o sujeito.

O OURO E O COBRE

Freud complementa ainda, em seu trabalho de 1919, que a tarefa da análise é análoga à atividade realizada pelos químicos. Em seus laboratórios, estes profissionais dividem ou separam substâncias que podem se ligar ou não a outras substâncias. Ao passo que o psicanalista realiza um trabalho de divisão e separação dos sintomas e das manifestações patológicas do paciente a fim de compreender sua complexa natureza. Freud (1919[1918], p. 173-4) postula, ainda, que o que compõe estes sintomas e manifestações patológicas “[...] são, no fundo, motivos, impulsos instintuais. O paciente, contudo, nada sabe a respeito desses motivos elementares, ou não os conhece com intimidade suficiente.”

Deste modo, para Freud (1919[1918], p. 175), a tarefa do psicanalista seria a de mostrar ao paciente estes elementos que estão sendo divididos ou separados a fim de serem analisados e transformados em outros elementos, pois segundo o mestre aponta, “sempre que conseguimos analisar um sintoma em seus elementos, liberar um impulso instintual de um vínculo, esse impulso não permanece em isolamento, mas entra imediatamente numa nova ligação.” A meu ver, esta é a tarefa do psicanalista, possibilitar que – por meio da análise dos elementos – o psiquismo do sujeito possa realizar novas ligações a fim de minimizar-lhe o sofrimento.

Ainda em *Linhas de progresso na terapia psicanalítica* (1919[1918], p. 181), Freud propõe que a teoria pode e deve ser utilizada na clínica e, servindo-se também de uma analogia com a química, escreve que a aplicação da teoria à clínica pode forçar a “[...] fundir o ouro puro da análise livre com o cobre da sugestão direta [...]”.

Birman, em *Psicanálise, ciência e cultura* (1994, p. 14), discute esta correlação proposta por Freud e o entendimento de que haveria uma psicanálise “pura” – como o ouro – e uma modalidade – correspondente ao cobre – dita “aplicada” de análise. A este respeito, o autor inicia a discussão propondo, inicialmente, que “poder-se-ia até mesmo dizer que, mesmo sendo uma das aplicações da ‘pura’ teoria, a clínica seria indubitavelmente a sua aplicação mais importante.” Neste sentido, este psicanalista levanta a hipótese de que a clínica estaria subsidiada à teoria, sendo esta o cobre, elemento impuro diante da teoria representada pelo ouro, um elemento puro.

Ao aprofundar um pouco mais esta discussão, Birman (1994, p. 14) propõe a ideia de que a clínica poderia ser o lugar onde se representa a psicanálise em estado puro e, sendo assim: “[...] a teoria não seria hierarquicamente inferior à clínica analítica, nem tampouco a aplicação da experiência psicanalítica, mas seu correlato e contraponto, na medida em que encontraria na clínica o seu lugar possível na perspectiva epistemológica.” Deste modo, a clínica seria o lugar onde se poderia “aplicar” a teoria, um lugar de produção epistemológica onde a teoria poderia encontrar solo fértil para se desenvolver, a partir da experiência psicanalítica.

A respeito da utilização da teoria na prática psicanalítica, Mezan (1993, p. 58) entende que: “na situação analítica, a teoria funciona como a estrela polar para o navegante: fornece coordenadas para o percurso, permite alguma ideia do rumo a tomar, mas não é o alvo que se quer atingir.” Isto significa que, como norteador, a teoria na situação analítica tem o objetivo de iluminar a busca pelo conhecimento empreendida pelo analista nesta experiência e não a de ser um fim em si mesma.

Mezan (1993, p. 57-8) complementa ainda que este norteador possibilitado pela teoria não é a intuição, mas algumas peças fundamentais que permitem a criação de hipóteses sobre o funcionamento psíquico como a metapsicologia e sobre a natureza do processo terapêutico, como as noções sobre a transferência e a resistência.

No que tange à transferência, Birman (1994, p. 15) entende a partir de Freud – em sua analogia com o ouro puro e o cobre como resíduo impuro – que a teoria “[...] centrada na transferência teria eficácia clínica.” Assim, o autor compreende que o que torna eficaz este resíduo impuro do ouro é a transferência, porém é necessário o entendimento de como se dá a experiência psicanalítica e qual a metodologia necessária para se extrair bons conteúdos do ouro, já que esta extração deve seguir alguns pressupostos, os pressupostos teóricos que tornam a psicanálise uma ciência distinta dos campos da filosofia e da psicologia.

A PSICANÁLISE COMO CIÊNCIA

Conforme explicitado anteriormente, a psicanálise contém uma especificidade de processamento e transformação muito comparável ao trabalho do químico. Neste sentido, pode-se dizer que o método de extração do ouro na experiência psicanalítica exigirá alguns métodos. Porém, para nos debruçarmos sobre esta metodologia, é interessante observar que, com relação ao entendimento da psicanálise como ciência, Mezan (1993, p. 63) escreve:

[...] acredito ser possível dizer que a psicanálise apresenta algumas características que a aparentam a uma ciência, tais como a cumulatividade e a comunicabilidade dos conhecimentos, embora por outros aspectos – especialmente o do fazer psicanalítico, o da prática terapêutica – ela se aparenta às artes e à ourivesaria.

Assim, é possível compreender que a teoria psicanalítica contém em si as características de cumulatividade e comunicabilidade entre os diversos conhecimentos que lhe permitem aproximar-se e ser reconhecida como ciência, porém, carrega consigo algumas características comparáveis às artes, que se utilizam da criatividade, da técnica e do esforço do artista.

Birman (1994, p. 17) também entende que a psicanálise se aproxima da ciência e diverge do método filosófico, pois conforme seu entendimento:

[...] a filosofia se define como um trabalho teórico centrado na ‘especulação’, que, mesmo quando realizado de forma rigorosa, é desvinculado das exigências de elaboração dos dados empíricos. Em contraposição, a ciência estaria estreitamente vinculada à empiria, tendo, portanto, um campo de referência bem circunscrito e restrito.

E, a partir dessa vinculação à empiria é que os conceitos psicanalíticos foram postulados e puderam sofrer modificações conforme o percurso do desenvolvimento de estruturação da teoria postulada por Freud. Sendo assim, conforme Birman (1994, p. 17) considera, as construções teóricas freudianas afirmam que “[...] o fundamento da ciência é a ‘observação’ e não a construção dos conceitos para a elaboração da ‘teoria especulativa’.” Eis então, a diferenciação fundamental entre a psicanálise e a filosofia, enquanto o primeiro saber está fundamentado na observação e na interpretação daquilo que se observa, a filosofia se encontra marcada pelo exercício de especulação.

Assim como a psicanálise é divergente da filosofia, também não pode ser entendida como uma área da psicologia, já que estes saberes têm objetivos distintos. Conforme Birman (1994, p. 19) escreve a psicologia “[...] pretende realizar o estudo da consciência e a psicanálise se funda na pesquisa do inconsciente.” Sendo assim, a psicologia se propõe a entender os aspectos conscientes e a psicanálise, a realizar a investigação do seu objeto de estudo: o inconsciente, trazendo os conteúdos para o consciente.

Deste modo, a psicanálise “[...] pretende ser uma *analítica do sujeito*², centrada na palavra e na escuta, baseando-se para isso na interlocução psicanalítica” (BIRMAN, 1994, p. 19). É por meio da palavra e da escuta, que a psicanálise experienciada na clínica pode operar transformações no sujeito, do mesmo modo que o químico, ao operar ligações entre elementos consegue obter novos compostos ou o escultor, que do barro sem forma, extrai uma obra de arte.

A ATIVIDADE DE TRANSFORMAÇÃO

Em termos psicanalíticos, Birman (1994, p. 19) comenta que a psicanálise na clínica pretende transformar a economia libidinal e o funcionamento pulsional do sujeito, deste modo,

² Grifos do autor

este saber “[...] é inseparável de uma prática de transformação do sujeito, de um ato³ que tenha uma incidência radical em sua economia pulsional.”

Este ato a que Birman se refere, pode ser entendido como a atividade interpretativa, que é característica da análise e somente se torna possível a partir da criação de hipóteses por parte do analista.

Assim, a interpretação como método que caracteriza a psicanálise, tem uma função essencial na transformação dos conteúdos do analisando.

Ainda a respeito do fazer e da transformação operada durante o processo psicanalítico, Viñar, em uma entrevista à editora do *Jornal de Psicanálise*, explicita sua opinião da seguinte forma: “o que define a psicanálise é a especificidade de seu método de busca, de meter-se no interstício do sabido para questioná-lo” (VIÑAR, 2005, p. 51). Para explicar melhor seu ponto de vista, o psicanalista utiliza uma interessante metáfora de que quando arrumamos uma casa, queremos deixá-la com tudo em ordem, mas sempre fica algum canto por arrumar. É isso o que acontece com relação ao conhecimento, onde há um ponto cego, um buraco, a psicanálise pode vir e obturar com sua palavra original e distinta.

Este psicanalista sintetiza seu raciocínio propondo que “esse é o método psicanalítico de perceber o que da construção de um discurso racional, como pretendem a antropologia e a neurociência, o que escapa desse discurso racional e abre outro veio inexplorado”(VIÑAR, 2005, p. 51).

Esta ideia de construção explicitada por Viñar remete à postulação freudiana publicada em um de seus últimos ensaios, intitulado *Construções em análise* (1937, p. 276), onde o mestre compreende que a principal tarefa do analista é “[...] a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*.”

Sendo assim, a psicanálise em seu método, permite que se identifique e se separem os pontos cegos para que se opere a construção. Em outras palavras, a psicanálise pode ser entendida como um saber que se aproxima da ciência, mas tem um método muito próximo ao das artes para buscar operar a transformação necessária dos conteúdos inconscientes que, de alguma forma, podem trazer sofrimento ao sujeito.

Birman (1994) contribui sintetizando que o fazer psicanalítico se fundamenta na relação entre aquele que fala e aquele que escuta, sendo a experiência psicanalítica resultante deste encontro. A elaboração teórica desta experiência entre interlocutor e sujeito foi construída por Freud metapsicologicamente e centrada na interpretação.

A experiência psicanalítica é ampla e por isso, permite uma multiplicidade de condições para que seja construído o espaço analítico. Nas palavras de Birman (1994, p. 27):

³ Grifos do autor

[...] a experiência psicanalítica admite diversas possibilidades de clínica, desde que nesta diversidade sejam reconhecidas as condições epistemológicas e éticas para a construção do espaço psicanalítico, isto é, uma experiência centrada na fala, na escuta e regulada pelo impacto da transferência.

Este psicanalista complementa ainda que esta diversidade de possibilidades clínicas em psicanálise se justifica “[...] não apenas pelas diferentes formas de funcionamento psíquico que se apresentam para a escuta analítica, mas também pela diversidade de espaços em que a experiência psicanalítica é possível” (IDEM, IBIDEM). Assim, como o autor mesmo refere, as condições necessárias para que haja experiência psicanalítica são aquelas em que ficam preservadas as funções de fala e escuta, sendo estas reguladas pelo impacto da transferência. Deste modo, torna-se possível pensar na amplitude de campos possíveis à extensão da psicanálise.

A PSICANÁLISE EM OUTROS CAMPOS

A respeito das possibilidades de experiências psicanalíticas além da clínica, o psicanalista André Green (1971, p. 16) entende que uma dessas é obtida por meio do contato com as obras literárias e neste caso, ele indaga:

Como age o psicanalista diante de um texto? Procede a uma transformação – na verdade, ele não age assim deliberadamente, pois é a transformação que se impõe a ele – que faz com que ele não leia o texto, mas o ouça. O psicanalista ouve o texto conforme as modalidades específicas da escuta psicanalítica.

Deste modo, é possível compreender que também diante de um texto escrito, a experiência psicanalítica pode ser operada, a transformação pode ocorrer quando o psicanalista pode escutar analiticamente o texto.

A respeito destas modalidades específicas de escuta, entendo que estejam relacionadas aos territórios teóricos derivados dos estudos que compuseram a psicanálise a partir de Freud – mas que foram levados adiante por outros teóricos deste campo do saber – que compõem, conforme Mezan (1993, p. 59) destaca uma cartografia característica ao englobar: “[...] uma metapsicologia, uma teoria do desenvolvimento psíquico, uma psicopatologia e uma teoria do processo terapêutico.”

Violante (2000, p. 117) também entende que a investigação psicanalítica pode ocorrer em diversos contextos além da clínica, porém para que se constitua uma pesquisa no campo da psicanálise “[...] o importante é problematizar o objeto de estudo de tal modo que só a Psicanálise possa dar respostas ou, ao menos, que ela seja imprescindível para a efetivação do estudo.”

No que tange à escuta analítica levada a diversos campos, além da clínica, é possível destacar que Freud, sabiamente, realizou este tipo de estudo levando em consideração sempre o impacto da transferência sobre estes campos. Sendo assim, o mestre, a partir de sua autoanálise e da composição teórica da psicanálise se propôs a analisar outras produções humanas que poderiam ser escutadas, além da clínica. As obras de arte são bons exemplos de campos de experiência psicanalítica explorados por Freud.

Uma das mais emblemáticas obras de arte analisadas por Freud foi a escultura de Moisés, de Michelangelo. Em um ensaio publicado a respeito desta criação, Freud (1913, p. 217) comenta que: “[...] as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito [...]. Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve seu efeito.”

Acredito que Freud, ao explicitar ao leitor que as obras de arte lhe causam impacto, o convoca à contemplação e à tentativa de explicação de seus efeitos, esteja revelando a importância da transferência do artista que, de alguma forma, se liga à transferência daquele que as observa.

Este raciocínio se torna mais evidente quando Freud (1913, p. 217-8), neste mesmo ensaio, postula:

A meu ver, o que nos prende tão poderosamente [*a uma obra de arte*]⁴ só pode ser a *intenção* do artista, até onde ele conseguiu expressá-la em sua obra e fazer-nos compreendê-la. Entendo que isso não pode ser simplesmente uma questão de compreensão *intelectual*⁵; o que ele visa é despertar em nós a mesma atitude emocional, a mesma constelação mental que nele produziu o ímpeto de criar.

E o acesso à intenção do artista, à força que produziria nele o ímpeto criativo somente seria possível de ser “descoberto” por meio da psicanálise, pelo método interpretativo que, exclusivamente, este saber detém.

Ainda voltado à experiência psicanalítica destinada à literatura, Green (1994, p. 17) entende que o psicanalista, ao escutar um texto, lança mão do método de atenção flutuante, onde busca

⁴ Colchetes meus

⁵ As palavras em itálico correspondem a grifos do próprio autor.

um fio que: “[...] puxa o texto na direção do seu objetivo, é ele [o fio⁶] que tem a última palavra e que representa o termo do seu sentido manifesto. Dá ao texto o tratamento que costuma dar ao discurso consciente que encobre o discurso inconsciente.” Deste modo, entendo que Green (1994) atenta para o fato de que a literatura – eu incluiria também as obras de artes, a partir da concepção de Freud – traz em seu discurso uma estrutura idêntica aos sonhos, aos chistes, aos sintomas e aos atos falhos apresentados pelos pacientes na clínica psicanalítica. Isto é, traz aspectos inconscientes do autor.

Com relação ao impacto que um escrito literário pode causar no analista e a atividade interpretativa, Green (1994, p. 18) entende que: “a interpretação do texto passa a ser a interpretação que o analista deve fornecer sobre o texto, mas, na verdade, trata-se da sua própria interpretação quanto aos efeitos do texto sobre seu inconsciente.”

O escrito convoca a uma construção baseada nas representações daquilo que foi “escutado” deste texto, representações estas obtidas pelo resultado das ligações entre caracteres que o próprio leitor teve acesso. Sobre isso, Green (1994, p. 23) exemplifica: “ ‘a marquesa saiu às 5 horas’. Apesar das mais explícitas indicações do texto, essa marquesa é, e só pode ser a do leitor.”

Assim, o texto, as obras de arte e as demais produções humanas trazem um diálogo entre a criação do autor e a criação daquele que sofreu o impacto da obra criativa. É neste sentido que acredito também podermos entender que, em qualquer estudo psicanalítico cujo objeto é uma obra literária ou qualquer outra obra, como por exemplo, a que se constrói uma personagem a partir de dados biográficos, tem-se, de um lado, a composição da personagem pelas representações dos autores biógrafos que conviveram com o sujeito da realidade ou mesmo os que apenas levantaram dados para compor sua figura e do outro, a construção do pesquisador, do psicanalista que compõe o trabalho investigativo.

Isso porque, conforme Green (1994, p. 24) – comentando sobre a literatura, mas que, a meu ver, pode ser ampliado para as obras de arte em geral – considera que “(...) todo texto, por mais realista que seja, permanece como um ser de ficção, o que o associa à fantasia.” Tem-se aí, no nível da fantasia, certa cumplicidade entre escritor e leitor que permite que o primeiro crie um protótipo de personagem para que o leitor possa representá-lo.

Acredito que este protótipo deva ser criado em todos os trabalhos que se propõem a este tipo de estudo. Como exemplo a esta especificidade de pesquisa, que é dada por esta forma específica de construção, posso citar meu trabalho de doutorado em que realizei um estudo sobre a estilista francesa Coco Chanel. Nesta situação, ela é apresentada como uma personagem da autora da pesquisa, a partir das outras personagens criadas por outros biógrafos, diretores de

⁶ Colchetes meus

cinema e um autor de romance. Ela é, ao mesmo tempo, uma mulher diferente em cada criação, com algumas características exacerbadas ou minimizadas e também uma mesma mulher, com alguns pontos referentes à sua história de vida, destacados por todos os autores.

Compreendo que o que facilitou a construção de diversas personagens em diversos estudos biográficos e também no presente trabalho, foi a multiplicidade de personagens femininos criados por Coco Chanel. Ao longo de sua vida, suas criações de vestuário permitiram que ela compusesse para si e para os outros, diversas mulheres em uma. Chanel pode ser representada como um ícone da dialética de Heráclito de que “não nos banhamos duas vezes no mesmo rio” (HERACLITO, 1999, p. 92), já que ela nos apresenta em sua obra e comportamentos a ideia de que nós podemos ser sujeitos em constante transformação. E acredito que esta possibilidade de transformação, além da possibilidade de adaptação, apresentada por Chanel é o que mais me instiga como sujeito e como psicanalista.

Acredito ser esta transformação observada na biografia de Chanel e que também pode ser observada em outros sujeitos, que torna a pesquisa em psicanálise mais rica e multifacetada, já que cada psicanalista, a partir da compreensão teórica e sob a bússola de seu inconsciente, irá sentir-se convocado à investigação. E, conforme posso entender, este caminho investigativo é árduo, porém deslumbrante.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. **Psicanálise, ciência e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FREUD, Sigmund (1913). O Moisés de Michelangelo. ESB, vol. XIII, 1996.
- _____ (1919[1918]). **Linhas de progresso na terapia psicanalítica**. ESB, vol. XVII, 1996.
- _____ (1937). **Construções em análise**. ESB, vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996
- GREEN, Andre. **O desligamento – Psicanálise, Antropologia e Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- HERÁCLITO. **Pré- Socráticos: vida e obra**. In: Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- LAPLANCHE, J. **Problemáticas I – A angústia**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MEZAN, R. **Que significa ‘pesquisa’ em psicanálise?** In: LINO DA SILVA, Maria Emilia (coord.). **Investigação e psicanálise**. Campinas: Papirus, 1993.
- VIÑAR, Marcelo. **Entrevista com Marcelo Viñar – tornar-se analista**. In: **Jornal de Psicanálise**. São Paulo. 38(69): 39-55, dez. 2005
- VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. **Pesquisa em Psicanálise**. In: PACHECO FILHO, Raul Albino et al. (org.). **Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC, 2000.